

# “É preciso novo impulso à tradição de cooperação”

Este é o pronunciamento do presidente da França, Jacques Chirac, durante sessão solene do Congresso em sua homenagem:

“Excelentíssimo senhor presidente do Congresso, excelentíssimo senhor presidente da Câmara, excelentíssimos senhores e senhoras embaixadores, excelentíssimos senhores e senhoras ministros, excelentíssimos senhores e senhoras parlamentares, senhores e senhoras, meus caros amigos,

Antes de mais nada, gostaria de agradecer o Senhor Presidente do Congresso pela sua acolhida e pela organização desta sessão extraordinária. Muito obrigado, senhor deputado, muito obrigado, senhor senador, as palavras amistosas que acabam de proferir me emocionaram profundamente.

A oportunidade de me exprimir perante o Congresso brasileiro, símbolo das instituições deste país e do pleno retorno à democracia, representa para mim uma grande honra.

Foi pelo Brasil que resolvi iniciar a minha primeira visita oficial à América Latina. Evidentemente, esta decisão tem as suas razões.

Em primeiro lugar, a nossa amizade pessoal. Em maio de 1996 tive o grande prazer de receber em visita oficial em Paris um grande amigo da França de longa data, o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Em segundo lugar, a vontade de homenagear o Brasil, grande potência da América e futuro pólo mundial.

E, enfim, lembrando o que disse aqui mesmo o general de Gaulle, com grande visão e sapiência, perante os seus predecessores há mais de 30 anos, durante sua viagem histórica à América do Sul em 1964, a necessidade de aproximar o Brasil e a França. Disse ele: “No mundo que se esboça, é preciso reconhecer que as organizações propriamente americanas das quais os senhores fazem parte atualmente e as comunidades europeias das quais nós somos membros devem estreitar os seus laços de solidariedade; e que outros povos poderiam dar melhor exemplo do que o Brasil e a França?”

Esta realidade concretiza-se no dia de hoje. Eis por que vim falar-lhes da França, da Europa, das nossas relações e da minha visão do mundo.

Esté mundo, a França almeja-o aberto, tolerante e pacífico. Um mundo mais justo e solidário onde cada um encontre o seu lugar. Eis por que o Brasil e a França, países que compartilham origens e valores comuns e a mesma filosofia do Homem, devem se encontrar.

Durante muito tempo, deixamos de cultivar o nosso grande potencial de amizade. Durante muito tempo, a construção da paz e da prosperidade na Europa e posteriormente os choques provocados pela explosão do bloco totalitário absorveram as nossas energias. Durante muito tempo a nossa atenção foi desviada desta região, cujos povos lutavam também para garantir o triunfo da liberdade e da justiça e corrigir os desequilíbrios sócio-econômicos e assim alicerçar a democracia.

Compreendo perfeitamente os sentidos de frustração que aqui possam ter nascido, bem como as expectativas atuais dos senhores, que são igualmente as nossas. Vim aqui para manifestar-lhes a minha determinação em renovar as nossas relações e em reativar uma verdadeira parceria entre os nossos povos.

Com a visita oficial do presidente Fernando Henrique Cardoso à França conseguimos reunir finalmente as condições para dar um novo impulso às nossas relações. Saibamos agora tirar o melhor proveito do que nos aproxima para que este relacionamento possa

crescer e amadurecer.

A nossa amizade é antiga e profunda. As nossas afinidades são tanto sentimentais quanto intelectuais. Elas provêm da mesma fonte. A filosofia do Século das Luzes, o ensinamento dos Enciclopedistas, os ideais da Revolução Francesa, bem como a doutrina positivista inspiraram este país e moldaram o seu pensamento. É este patrimônio comum de idéias e valores que nos aproxima.

Em nome desta comunhão de valores, regimentos brasileiros empenharam-se, lado a lado aos da França Livre, para defender um certo ideal do Homem no solo europeu.

O mínimo que possamos dizer é que nós, franceses, também reservamos uma acolhida calorosa à cultura brasileira. Refiro-me a Jorge Amado e Paulo Coelho, que cativaram milhões de leitores na França e em toda a Europa. Refiro-me também a esses grandes artistas como Gilberto Gil e Chico Buarque, que nos fazem apreciar tanto a música e a cultura populares do Brasil.

Esta atração compartilhada explica a riqueza notável dos intercâmbios entre as nossas universidades. A convite do Brasil, jovens intelectuais e professores universitários franceses, dentre os mais brilhantes, vieram formar gerações de estudantes brasileiros. Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Georges Dumas, Michel Foucault e Alain Touraine ensinaram em universidades brasileiras e neste trabalho se inspiraram para enriquecer suas obras. Em Paris, centenas e centenas de universitários franceses conservam viva a lembrança de um professor inesquecível chamado Fernando Henrique Cardoso.

Esta tradição de intercâmbio permanece bastante ativa. Três grandes liceus franco-brasileiros, 70 implantações da Alliance Française, milhares de universitários de alto nível enriquecem este diálogo. Depois dos Estados Unidos, a França é o segundo país a receber universitários e pesquisadores brasileiros em todas as disciplinas. Não se deve esquecer tampouco que o conhecimento e a prática do francês são correntes para muitos brasileiros, a começar pelo seu representante primeiro.

É preciso dar hoje um novo impulso a esta tradição de cooperação. Temos que multiplicar as passarelas entre as nossas principais instituições de ensino e pesquisa. Para tal, utilizemos os novos meios à nossa disposição, como as auto-estradas da informação. Fomentemos os intercâmbios de jovens, professores e programas educativos. Ampliemos o diálogo entre os nossos maiores especialistas das ciências exatas e humanas. É com este espírito que será criada uma nova cátedra de Francês na Universidade de São Paulo.

Além desta cooperação cultural exemplar, devemos desenvolver a partir de uma base de valores comuns e de afinidades, uma cooperação à imagem dos nossos dois países. Apraz-me saber que o presidente Fernando Henrique Cardoso e eu próprio compartilhamos a mesma determinação e a mesma confiança para trabalharmos juntos.

Sei que os senhores partilham esta determinação e atribuo grande importância à cooperação entre os nossos parlamentos, alicerces das nossas democracias. Isto justifica a presença ao meu lado de eminentes representantes das nossas duas Assembléias.

Devemos dialogar também como dois vizinhos, já que, através da Guiana, cujo deputado saúdo — o meu amigo León Bertrand —, a França compartilha com este grande país a sua extensa fronteira terrestre. E como bons vizinhos precisamos saber desenvolver esses territórios limítrofes, preservar as suas riquezas e as suas tradições e tra-

balhar pelo bem-estar de todos aqueles que vivem na bela, mas difícil região da bacia amazônica.

A nossa cooperação deve também favorecer a aproximação das nossas economias. Tudo nos indica esta direção. Ao cabo de dois anos de árduos esforços, este país conseguiu readquirir o controle da sua moeda e dos seus grandes equilíbrios. O plano de saneamento, reconhecido como um dos melhores do mundo, produziu todos os seus frutos, favorecendo o crescimento, restabelecendo a confiança, diminuindo a taxa de inflação de maneira espetacular de 2.000% para menor de 10% por ano, e assim melhorando a situação dos mais pobres.

Parabenizo V. Excia. por estes êxitos. Os nossos empresários estavam com a razão. No ano passado, os investimentos de empresas como a Renault, a EDF e muitas outras permitiram-nos alcançar uma posição de destaque. E várias são as empresas francesas presentes no Brasil hoje em dia, que lideram os seus respectivos setores de atividades. A França tem a intenção também, se assim os senhores desejarem, de participar plenamente do atual plano de privatizações.

Precisamos igualmente ampliar os nossos intercâmbios comerciais. Apesar de termos dobrado o volume das nossas exportações durante os últimos cinco anos, a nossa presença no mercado brasileiro permanece insatisfatória. Devemos empreender os esforços necessários para aumentá-la.

Indubitavelmente, o Brasil deve ser um dos principais parceiros da França. A importância da sua população, a extensão do seu território, a abundância e a riqueza dos seus recursos naturais, o alcance da sua cultura e o espírito de abertura dos seus responsáveis fazem com que o Brasil seja um dos arquitetos do mundo de amanhã. Os laços estreitos e antigos que nos unem uns aos outros e que nós pretendemos desenvolver devem nos levar a encontrar juntos as soluções dos grandes problemas atuais.

Precisamos concertar-nos mais estreitamente nas grandes instituições multilaterais para promover o desarmamento, a não-proliferação e a paz no mundo. Conclamemos a comunidade internacional para que não volte as costas aos países mais pobres, sobretudo os da África, com os quais o Brasil, como a França, mantém laços importantes de amizade e cooperação.

É preciso também dar continuidade ao nosso diálogo sobre as grandes questões financeiras, com o intuito de concluir o desenvolvimento de dispositivos de prevenção de crises.

Intensifiquemos as nossas negociações, já bem encaminhadas em 1996, durante a presidência francesa do G7, sobre os grandes flagelos dos tempos atuais, como a droga, o crime organizado e o terrorismo; reflitamos juntos sobre as respostas que poderemos encontrar para os problemas ligados ao meio ambiente. É oportuno lembrar que a primeira reunião de cúpula da Terra, realizada aqui no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em junho de 1992, representou um marco em termos de conscientização da humanidade. No fim de junho, terei a oportunidade de participar, juntamente com os representantes do G7, bem como do presidente Fernando Henrique Cardoso, de uma sessão especial da Assembléia-Geral das Nações Unidas. Cinco anos depois, ela deverá abrir perspectivas ao nosso combate comum. O Brasil já está se preparando. Amanhã mesmo, na cidade do Rio de Janeiro, ocorrerá uma grande reunião internacional, com o objetivo de fazer uma primeira avaliação desta conferência histórica.

\*\*\*

Mas devemos expandir ainda mais a nossa cooperação através de uma aproximação das nossas visões respectivas do mundo de amanhã.

Assim como já tive a oportunidade de manifestar em Washington, perante o Congresso dos Estados Unidos, a propósito das relações transatlânticas, posteriormente em Cingapura, para a parceria euro-asiática, e mais recentemente no Cairo, sobre as relações com os países do mundo árabe e mediterrâneo, desejo aproveitar esta ocasião, neste fórum privilegiado da democracia sul-americana, para revelar aos senhores a minha aspiração sobre as relações entre a França, a Europa e a América do Sul.

Como poderíamos deixar de constatar que, no mundo que se esboça hoje, livre dos velhos conflitos ideológicos, está se reforçando a sua dimensão multipolar? Como negar o caráter inevitável desta evolução? Tudo concorre para isto: a emergência de novas grandes potências no mundo inteiro, a organização de estruturas regionais coerentes, do Mercosul à Asean, a definição de novos âmbitos de cooperação a partir do Nafta até o Apec, a partir do processo de Barcelona na região mediterrânea até a reunião de cúpula euro-asiática de Bangoc no ano passado.

A França considera que esta evolução do mundo é a melhor resposta ao desmantelamento da ordem bipolar. Somente ela é capaz de instaurar um novo equilíbrio mundial duradouro que seja justo, pacífico e aceitável por todos.

Sem dúvida alguma inevitável, este caminho em direção a um mundo multipolar poderia entretanto correr o risco de degenerar progressivamente em favor da afirmação de pólos antagonistas, se alguns dos seus principais protagonistas atuais decidissem contrariar esta evolução ao invés de organizá-la. Devemos envidar nossos melhores esforços para que nenhum povo viva a emergência da nova ordem mundial sob a frustração, a humilhação ou o desejo de vingança.

Na Europa, nós aprendemos esta lição da História lançando as bases da construção da União Européia. Dora-vante a guerra tornou-se impossível nos seus Estados membros. No espaço de apenas duas gerações foram realizados progressos notáveis na construção de uma estrutura única na História.

Com 15 Estados membros e 350 milhões de habitantes, a Europa é o maior mercado do mundo e o mais aberto. O seu PNB iguala-se à soma dos PNB dos Estados Unidos e do Canadá. Sabiam os senhores que a União Européia importa duas vezes mais do que toda a América do Norte? Sabiam que ela é de longe o primeiro doador de auxílios à América do Sul e o seu primeiro parceiro comercial?

Esta nova Europa está definindo hoje a sua identidade. O ano de 1997 deverá ser um marco decisivo para todo o nosso continente.

No Conselho Europeu de Amsterdã, que se realizará em junho próximo, os Estados membros adotarão, espero, um novo tratado. A União se dotará assim de novas instituições, mais democráticas e mais eficazes. Reforçará a sua política externa e de segurança comum e a sua cooperação na luta contra os flagelos que assolam a nossa época. A partir daí, então, será possível abrir as negociações para o ingresso futuro dos países da Europa Central e Oriental, de maneira que a União conte o mais rapidamente possível com 27 Estados, que representarão 450 milhões de habitantes.

Por fim, no dia 1º de janeiro de 1999, a União Européia criará sua moeda, o Euro, que será a outra grande moeda

corrente no mundo. Com isso, a Europa será um dos pólos mais estáveis e mais dinâmicos do futuro.

Dentre esses pólos do futuro, quem poderia ignorar a ascensão igualmente da América do Sul? Hoje é a América do Sul que se lança por sua vez neste vasto movimento de integração regional, em resposta às necessidades e às aspirações dos povos desta região.

Para todos, a integração regional constitui fonte de progresso. Progressos políticos e humanos acima de tudo. E por isso que o Brasil, junto com os seus vizinhos, criou o Mercosul.

No início, ao final de um período obscuro, tratava-se de considerar a democracia e criar uma forma de solidariedade nova e forte entre os Estados membros. A integração regional resulta no esforço das bases democráticas dos Estados membros. O fato de pertencer a uma mesma organização, que respeita os mesmos valores, dissipa qualquer tentação de retrocesso.

Ao serem abolidas as barreiras internas, procurou-se também estimular o progresso econômico e os intercâmbios entre os países envolvidos. Em apenas alguns anos, o Mercosul tornou-se a zona comercial mais dinâmica da América Latina e a quarta estrutura econômica do mundo. A prova do seu êxito está na explosão do comércio e dos investimentos entre os diferentes países do Mercosul. Em vários aspectos, os desempenhos dos países do Cone Sul já ultrapassam os resultados dos países emergentes do Sudeste Asiático. Dois países já foram associados e outros esperam seguir o mesmo caminho. Até o ano 2001, de Ushuaia a Belém, do Recife a Bogotá, de Caracas a Santiago, é o conjunto de toda a América do Sul que se beneficiará dos frutos da integração regional.

A ordem natural das coisas faz com que hoje a União Européia e o Mercosul se aproximem um do outro. As suas afinidades, a sua história comum, os seus interesses bem definidos, o apego mútuo à sua identidade e a recusa de um mundo unipolar levam-nos a se aproximar, a desenvolver os seus intercâmbios e a aprofundar as suas concertações.

É com base neste espírito que a França, quando presidia então a União Européia, conduziu as negociações que resultaram, em 15 de dezembro de 1995, na assinatura, em Madri, do acordo-quadro inter-regional de cooperação econômica e comercial. É nesta via nova e muito promissora que nós nos lançamos com determinação.

Após a assinatura deste acordo, surgiu a vontade de acelerar e aumentar o processo de liberalização e de intensificação dos nossos intercâmbios. Precisamos desenvolver estas cooperações segundo os nossos ritmos, em função dos nossos próprios objetivos. Para os senhores, isto já representa a união aduaneira e a integração reforçada. Para nós, são as políticas comuns, bem como a ampliação e a afirmação de uma Europa-potência.

Indubitavelmente, o Mercosul que ora se constrói poderá analisar as dificuldades que encontramos e se inspirar, se assim desejar, nos êxitos que alcançamos. Não se trata de colocar a Europa como um modelo a seguir, mas apenas de ajudar os países do Mercosul a progredir à sua maneira e ao seu ritmo, evitando os erros que cometemos por imaturidade.

Juntos, temos de refletir sobre a importância dos laços entre a eficiência econômica e o progresso social. Aqui no Brasil, o Plano Real possibilitou a diminuição da pobreza e da exclusão social. Façamos agora de maneira que o retorno do crescimento seja fonte de benefício para todos e permita também me-

lhorar a formação dos nossos jovens.

As nossas prioridades hoje são as mesmas. Na França, o meu combate é contra o desemprego e o iletrismo. Na Europa, tento promover um modelo social conforme as exigências de dignidade do homem, sobre as quais ergueu-se a nossa civilização. É oportuno lembrar as palavras e a visão do general de Gaulle sobre a cooperação internacional, que ele expôs aqui mesmo, há mais de 30 anos: “Num mundo em plena gestação e rápida evolução, os nossos países, no interior como no exterior das suas fronteiras, encontram-se face a um problema crucial: o Homem. Ele representa a nossa grande missão, através da qual a História nos julgará. Ele é a razão principal pela qual deve renascer em nós a união entre o espírito e o coração. Nós compartilhamos também este compromisso fundamental.

O Mercosul constitui hoje o coração da integração regional deste continente. A totalidade dos países da América Latina aderiu ao Grupo do Rio, instância informal de concertação com a qual a Europa dialoga ao nível ministerial desde a Declaração de Roma, em 1990.

Sejamos ambiciosos! Vamos nos dar as mãos e correr juntos rumo ao nosso futuro! Gostaria de lançar aqui uma proposta que já discuti com o presidente Fernando Henrique Cardoso: a organização de uma reunião de cúpula, já para o fim de 1998, que reúna pela primeira vez na História os chefes de Estado e de governo da América Latina e da Europa. Esta reunião vai preencher uma verdadeira lacuna, criando uma estrutura de incentivo que dará força, coesão e projetos comuns às nossas relações políticas, culturais e econômicas. Esta reunião de cúpula deverá ser a primeira etapa de um processo inovador, pragmático e voluntário. Será o marco fundador de uma nova e ambiciosa parceria. Gostaria sinceramente que já no fim de março se começasse a organizar este evento tão importante.

\*\*\*

Eis aí, senhor presidente do Congresso, senhor presidente da Câmara, senhores e senhoras deputados, o sentido que quis imprimir à minha viagem ao Brasil e aos outros países da América Latina que pretendo visitar.

Vim aqui trazer-lhes a mensagem de apreço, amizade e confiança da França. Aceitem os meus cumprimentos pelos progressos da democracia no Brasil e pela determinação dos seus responsáveis em aprofundá-la cada vez mais, abrindo as respectivas fronteiras, criando entre os Estados vizinhos uma comunhão de destinos, controlando os grandes equilíbrios econômicos e compartilhando igualmente o crescimento. Gostaria que abordássemos o nosso futuro juntos.

Com certeza, assim como a Europa, a América do Sul será amanhã um dos grandes pólos do mundo que se forja. Não lhe faltam os meios, nem os conhecimentos, nem os recursos e muito menos ainda a determinação.

Por estas razões, sul-americanos e europeus, que compartilham raízes comuns, a democracia, a mesma visão do desenvolvimento econômico, do progresso social e da integração regional, devem criar novas formas de solidariedade.

Vim aqui partilhar com os senhores esta ambição, esta esperança. O Brasil ocupa uma posição de destaque nesta parte do mundo. E a grande parceria que proponho entre os nossos dois países deve ser naturalmente o motor propulsor desta necessária aproximação bilateral. Espero sinceramente que esta ambição, esta esperança sejam também recíprocas.

Viva o Brasil! Viva a França!  
Viva a amizade franco-brasileira!”